

DOI: 10.22481/recuesb.v10i17.10501

**CONSERVAÇÃO, CONFLITOS HOMEM-NATUREZA E POVOS INDÍGENAS: MESA-REDONDA ONLINE NA PROMOÇÃO DA DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

***CONSERVATION, MAN-NATURE CONFLICTS AND INDIGENOUS PEOPLE: AN ONLINE ROUNDTABLE ON PROMOTING SCIENTIFIC DISSEMINATION***

***CONSERVACIÓN, CONFLICTOS HOMBRE-NATURALEZA Y PUEBLOS INDÍGENAS: MESA REDONDA EN LÍNEA PARA PROMOVER LA DIFUSIÓN CIENTÍFICA***

Jéssica Prado-Silva<sup>1</sup>

Margarida Pereira dos Santos<sup>2</sup>

Rayana Tiago Dutra<sup>3</sup>

Luciana Aguiar-Aleixo<sup>4</sup>

**Resumo:** A Amazônia é a maior floresta tropical do mundo, abrigando grande biodiversidade. Apesar de sua importância, vem sofrendo intenso impacto antrópico devido a interesses econômicos. Os diversos conflitos homem-natureza estão associados às questões éticas e ecológicas, já que se tem vivenciado grande devastação ambiental, principalmente pelo desmatamento e queimadas. Nesse contexto, se destaca a importância da divulgação científica para a conservação ambiental, tema abordado na mesa-redonda: "Conservação, conflitos homem-natureza e povos indígenas", realizada pelo projeto de extensão "Evolução para Todos". O evento foi utilizado como fonte para esta pesquisa aplicada, do tipo qualitativa descritiva, na forma de pesquisa-ação. Contou com 181 participantes certificados e ultrapassou 800 visualizações, tendo sido efetivo no propósito de suscitar o debate e a conscientização ambiental do público. A forma errônea como o homem se relaciona com o meio ambiente tem sido responsável pelo surgimento de inúmeras zoonoses, incluindo a COVID-19. É evidente a necessidade de uma inter-relação mais equilibrada entre meio ambiente, humanos e demais animais, demanda abrangida pelo conceito de Saúde Única. Os interesses econômicos acabam se sobrepondo às relações com os recursos naturais e com os povos indígenas, que historicamente se integram ao meio ambiente de modo harmonioso, apresentando papel crucial na preservação da biodiversidade.

**Palavras-chave:** Biologia da conservação. Coexistência humano-fauna. Meio ambiente. Povos originários. Saúde Única.

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3524-8009> E-mail: [jessica.pradosilva@hotmail.com](mailto:jessica.pradosilva@hotmail.com)

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Biológicas, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Orcid: <http://orcid.org/0000-0001-7709-9625> E-mail: [margarida.pereira.dos.santos.2000@gmail.com](mailto:margarida.pereira.dos.santos.2000@gmail.com)

<sup>3</sup> Bióloga. Doutoranda em Biodiversidade e Evolução, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4640-9130> E-mail: [rayanadutra.rd@gmail.com](mailto:rayanadutra.rd@gmail.com)

<sup>4</sup> Bióloga. Doutoranda em Biodiversidade e Evolução, pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4640-9130> E-mail: [rayanadutra.rd@gmail.com](mailto:rayanadutra.rd@gmail.com)

**Abstract:** *The Amazon is the largest tropical forest in the world, harboring great biodiversity. Despite its importance, it has been suffering intense anthropic impact due to economic interests. The various man-nature conflicts are associated with ethical and ecological issues, since great environmental devastation has been experienced, mainly due to deforestation and fires. In this context, the importance of scientific dissemination for environmental conservation is highlighted, a topic addressed in the roundtable: "Conservation, human-nature conflicts and indigenous peoples", carried out by the "Evolução Para Todos" extension project. The event was used as a source for this applied research, of the descriptive qualitative type, in the form of action research. It had 181 certified participants and surpassed 800 views, having been effective in raising public debate and environmental awareness. The wrong way in which man relates to the environment has been responsible for the emergence of numerous zoonoses, including COVID-19. The need for a more balanced interrelationship between the environment, humans and other animals is evident, a demand covered by the concept of One Health. Economic interests end up overlapping the relationships with natural resources and with indigenous peoples, who have historically been harmoniously integrated into the environment, playing a crucial role in the preservation of biodiversity*

**Keywords:** *Conservation biology. Human-fauna coexistence. Environment. Native people. Unique Health.*

**Resumen:** *El Amazonas es el bosque tropical más grande del mundo y alberga una gran biodiversidad. A pesar de su importancia, ha venido sufriendo un intenso impacto antrópico debido a intereses económicos. Los diversos conflictos hombre-naturaleza están asociados a cuestiones éticas y ecológicas, ya que se ha experimentado una gran devastación ambiental, principalmente debido a la deforestación y los incendios. En este contexto, se destaca la importancia de la divulgación científica para la conservación del medio ambiente, tema abordado en la mesa redonda: "Conservación, conflictos humanos-naturaleza y pueblos indígenas", realizada por el proyecto de extensión "Evolução Para Todos". El evento sirvió como fuente para esta investigación aplicada, de tipo descriptivo cualitativo, en forma de investigación acción. Contó con 181 participantes certificados y superó las 800 visitas, habiendo sido eficaz para generar debate público y conciencia ambiental. La forma incorrecta en que el hombre se relaciona con el medio ambiente ha sido responsable de la aparición de numerosas zoonosis, incluida la COVID-19. Es evidente la necesidad de una interrelación más equilibrada entre el medio ambiente, los seres humanos y otros animales, una exigencia cubierta por el concepto de Una Salud. Los intereses económicos terminan superponiendo las relaciones con los recursos naturales y con los pueblos indígenas, quienes históricamente se han integrado armoniosamente al medio ambiente, jugando un papel crucial en la preservación de la biodiversidad.*

**Palabras-clave:** *Biología de la Conservación. Convivencia humano-fauna. Medio ambiente. Pueblos originarios. Salud única.*

## Introdução

A Amazônia é a maior floresta tropical úmida do planeta e, devido à sua biodiversidade, é um dos principais patrimônios naturais do mundo. O bioma amazônico compreende uma área com proporções continentais, perpassando por nove países da América do Sul (MELLO, 2015). O território amazônico acomoda povos indígenas e comunidades ribeirinhas, são cerca de 170 povos que falam dialetos diferentes e uma estimativa de 46 grupos isolados ou de pouco contato, uma população estimada em 450 mil pessoas, todas dependentes dos recursos naturais para sobreviver e grande parte contribuindo para a preservação do ecossistema (ABRAMOVAY, 2019). Assim, a demarcação de terras indígenas é uma estratégia central para inibir o avanço do desmatamento da Amazônia. A participação dos indígenas na gestão territorial e ambiental assegura a conservação da biodiversidade e de sua diversidade cultural, além de garantir o direito ao território, essencial para sua sobrevivência (SILVA, 2019).

A biodiversidade é diretamente afetada por mudanças no uso da terra como a expansão da agropecuária em áreas de floresta, superexploração dos recursos naturais, perda de hábitat, poluição, introdução de espécies exóticas e mudanças climáticas. A maioria desses fatores irão afetar a saúde humana direta e indiretamente, devido a seus impactos na biodiversidade (ROMANELLI *et al.*, 2015). Políticas públicas devem ser efetivas na promoção da conservação ambiental, do uso sustentável dos recursos naturais e do controle de zoonoses, assegurando a saúde humana, de outros animais e do meio ambiente de forma integrada, em consonância com o conceito de Saúde Única (AGUILAR-ALEIXO; MARISCO, 2020).

Cerca de 60% das doenças infecciosas que atingem os humanos provém de Zoonoses, ou seja, de uma cadeia de transmissão na qual os humanos são hospedeiros definitivos, tais como: Hantavirus proveniente de roedores, febre amarela de macacos, H5N1 de aves, H1N1 de porcos, Zika do mosquito *Aedes aegypti* e o novo coronavírus de morcegos. Enfim, uma série de enfermidades é transmitida pelo contato entre humanos e outros animais. O que fica evidente é que a destruição dos habitats força as espécies animais a invadirem os espaços urbanos (LAYRARGUES, 2020).

Diversos países acordaram a necessidade de um desenvolvimento sustentável pautado no tripé economia-ecológica-equidade social, na II Cúpula da Terra. Esses conflitos territoriais retratam o impasse entre os interesses econômicos e a identidade cultural dos moradores locais (ZHOURI; LASCHEFSKI, 2010). É imprescindível a adoção de novas relações socioterritoriais e ecológicas diante do modelo agroextrativista que avança nas fronteiras naturais, levando

destruição e abrindo caminho para doenças tanto para os centros urbanos quanto para os povos da mata (FIALHO; MONFORT, 2020).

O que mais preocupa é que a degradação ambiental tem intensificado os casos de contágios com doenças que anteriormente não assolavam as comunidades, tornando-as suscetíveis a quadros graves (ALMEIDA *et al.*, 2020). Evidências mostram que há uma correlação entre a degradação ambiental e as epidemias virais, algo que tem se reafirmado com a pandemia pela COVID-19. Estudos alertam sobre a possibilidade de futuras pandemias emergirem na Amazônia devido à sua alarmante degradação (ZHOURI; LASCHEFSKI, 2010; FEARNSIDE, 2020; LAYRARGUES, 2020).

A política pública antiecológica tem mostrado um retrocesso nas questões ambientais com o fechamento e sucateamento das instituições responsáveis, bem como com a flexibilização das leis, levando a impunidades dos crimes ambientais. As crises atuais provêm de um sistema capitalista no qual não são impostos limites para a obtenção de lucro a partir dos produtos. Esta superexploração deixa um rastro de destruição, incluindo desmatamento, queimadas, tráfico de animais silvestres, utilização exacerbada de agrotóxicos e criação extensiva de gado (LAYRARGUES, 2020).

Essa degradação ocorre não só pelo Brasil, mas também em diversos outros países, tornando-os suscetíveis ao surgimento de novas doenças infecciosas (FEARNSIDE, 2020). Enquanto o mundo busca soluções para o controle da pandemia da COVID-19, o governo brasileiro aproveitou para flexibilizar as leis ambientais (PEREIRA *et al.*, 2021).

Diante dessa problemática, o objetivo deste trabalho é debater as relações dos povos indígenas com a natureza e sua vulnerabilidade diante da situação política do país, baseadas na temática apresentada na mesa-redonda “Conservação, conflitos homem-natureza e povos indígenas” do projeto de extensão “Evolução Para Todos” e sua importância na divulgação da Saúde Única.

## **Metodologia**

Este trabalho apresenta a mesa-redonda “Conservação, conflitos homem-natureza e povos indígenas” e sua inter-relação com a Saúde Única. A equipe do projeto de extensão “Evolução para Todos” idealizou este evento em formato *chat* com o objetivo de compartilhar com seu público o status da Conservação ambiental na Amazônia, a situação de vulnerabilidade dos povos

indígenas no atual contexto econômico e político do Brasil e a pandemia pela COVID-19 como um agravante da crise ambiental em nosso país.

O trabalho utilizou-se de uma pesquisa aplicada descritiva (GIL, 2017) com abordagem qualitativa (MINAYO, 2009) do tipo pesquisa-ação (TRIPP, 2005), em que os dados foram coletados através da observação participante dos ouvintes via *chat* do *Youtube*. A pesquisa aplicada visa buscar o entendimento de uma ação, sua utilização é consequência de tal abordagem sem, contudo, se preocupar demasiadamente com a teoria, pois seu foco é a aplicabilidade com a realidade imposta pelo meio (TRIPP, 2005). A abordagem qualitativa, por sua vez, busca a compreensão das ações humanas e a busca por interpretar seus fenômenos (MINAYO, 2009). Para que tais processos sejam interpretados, a pesquisa descritiva detalha tais características do grupo analisado, e a partir da pesquisa-ação estreita as relações entre pesquisador e participante, tornando ambos envolvidos na atividade (GIL, 2017).

O evento foi realizado no dia 5 de agosto de 2021, contou com 181 participantes certificados, e até 1 de março de 2022 já havia ultrapassado as 800 visualizações nos canais da TV UESB e do projeto de extensão Evolução para Todos. Para tal alcance, o projeto foi divulgado nas suas próprias redes sociais e permanece gravado, podendo ser visualizado por aqueles que não tiveram a oportunidade de acompanhar a transmissão ao vivo, tanto no canal do *Youtube* da TV UESB (<https://youtu.be/4BdxVlup7-I>) quanto no canal do *Youtube* do projeto Evolução para Todos ([https://www.youtube.com/watch?v=xfkv7q7P\\_sI](https://www.youtube.com/watch?v=xfkv7q7P_sI)).

Alguns dos comentários dos palestrantes, mediadoras e ouvintes são transcritos nos resultados e para facilitar a sua identificação, são atribuídas denominações a eles conforme Tabela 1.

**Tabela 1 – Identificação dos participantes da mesa-redonda**

Denominação	Nome	Atuação
C1 (Convidado 1)	Dr. Silvio Marchini	Doutor em Conservação da vida silvestre, integra vários projetos na área. É coordenador executivo do plano de ação nacional para a Conservação de grandes felinos (ICMBio). Ministrou a palestra intitulada: “Coexistência humano-fauna: ciência e prática”.
C2 (Convidada 2)	Dra. Ane Auxiliadora Costa Alencar	Doutora em Conservação dos Recursos Florestais, com concentração em Desenvolvimento e Conservação de Recursos Tropicais, atualmente é pesquisadora do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia. Ministrou a palestra intitulada: "O papel dos territórios indígenas para a conservação da Biodiversidade e mitigação das mudanças climáticas no Brasil”.

M1 (Mediadora 1)	Dra. Karine Santana Carvalho	Professora titular da UESB, tendo sua principal linha de pesquisa relacionada à conservação da biodiversidade de ecossistemas tropicais. Realizou a contextualização da mesa-redonda, bem como a mediação das perguntas
M2 (Mediadora 2)	Dra. Luciana Aguilar Aleixo	Geneticista focada no ensino de Genética e Evolução, professora da UESB, realizou a abertura da mesa-redonda e contribuiu na mediação das perguntas
P1 a P12 (Participantes)	Ouvintes	Inscritos no evento que participaram ativamente com perguntas e comentários no <i>chat</i> do <i>Youtube</i> , cujas falas foram transcritas nos resultados.

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Diante disso, foi utilizada uma *live* como método educativo que proporcionou o compartilhamento de conhecimentos entre os palestrantes, os mediadores e os ouvintes de forma interdisciplinar, trazendo um contexto amplo e formativo acerca do tema (NEVES *et al.* 2021).

## Resultados e discussão

A M1 realizou a contextualização da mesa-redonda, ressaltando que a espécie humana é a principal responsável pela perda da biodiversidade no planeta, que se dá principalmente pela destruição de habitats como as florestas tropicais. Esta destruição tem causado mudanças climáticas, bem como eventos em cascata como a pandemia da COVID-19. Segundo ela, a natureza está dando seu recado e como os recursos não são inesgotáveis, atitudes mais sustentáveis são cruciais.

Os próprios ouvintes demonstram a importância de mudanças de atitude, como pode ser conferido no comentário: “É urgente uma mudança de concepção da natureza e meio ambiente. Esse modelo ‘desenvolvimentista’ não dá mais para ser tolerado” (P1).

O C1 iniciou sua palestra abordando conflitos entre humanos e onças, comentando que em alguns locais, o folclore e o imaginário têm relação com a morte de onças. E, em certos casos, o conflito se deve ao fato de as onças matarem os animais domésticos, mas em outro contexto o abate de onças se deve apenas a normas sociais, indicando que as motivações variam de acordo com o contexto social e cultural.

A C2 iniciou sua palestra comentando que há cerca de 250 tribos indígenas em nosso país, pelo menos 70 delas isoladas. Para se ter dimensão de sua diversidade cultural, há mais de 150 línguas indígenas diferentes. São pouco mais de 900.000 pessoas, correspondendo a 0,5% da

população brasileira. Cerca de 1/3 destes indígenas vivem nas cidades, mas muitos vivem nos 680 territórios espalhados pelo Brasil. A maioria destes territórios se concentra na região Norte do país, principalmente, na Amazônia.

O papel destes povos é fundamental, já que se relacionam com os recursos naturais de forma harmoniosa e têm grande importância na preservação ambiental. Os TI ocupam cerca de 22% da Amazônia brasileira, retendo quase 31% dos estoques de carbono deste bioma. Funcionam como barreiras efetivas contra o desmatamento. Para assegurar o cumprimento dos direitos humanos aos povos indígenas, é imprescindível que se garanta a manutenção de sua cultura e organização social. Entretanto, a inconsistência entre as legislações indígenas e de outros setores (como a exploração de recursos naturais), bem como a carência de políticas públicas apropriadas, geram ampla insegurança jurídica e crescente conflito social que merecem especial atenção (ISA, 2021).

Mesmo diante da pandemia que assolou a humanidade, os povos indígenas buscam nos seus conhecimentos o caminho para frear a disseminação do vírus em suas terras, fortalecendo sua cultura e zelo. Buscam na organização e na criatividade, baseadas nos costumes passados através das gerações, o enfrentamento das devastações em seus territórios e do contato com possíveis doenças que venham assolar a comunidade (FIALHO; MONFORT, 2020). A morte de anciões indígenas causadas pela COVID-19 vai além da lástima de se perder um ente querido, ela simboliza a perda de toda uma história e conhecimento, uma vez que a transmissão dos ensinamentos é realizada oralmente (ALMEIDA *et al.*, 2020).

Ambos os palestrantes evidenciaram a urgência de mudanças de hábitos e concepção de atitudes em prol do meio e do próximo. A Figura 1 apresenta a conexão entre os temas abordados na mesa-redonda e a Saúde Única, destacando também a nuvem de palavras construída pelos participantes ao longo do evento, apresentando o que associaram com as palestras. O retorno positivo das palestras é notado nos comentários dos ouvintes, como os aqui destacados: “Palavras e palestra muito necessárias” (P2); “Importantíssima esta palestra, amei” (P3).



povos moradores das florestas. Pouco se conhece das comunidades indígenas e é necessário conhecer também as outras comunidades tradicionais como a comunidade dos vazanteiros, povos ribeirinhos. Há uma riqueza de culturas na Amazônia, que estão refletidas no modo de agir de toda a população da região. Conflitos na Floresta Nacional do Tapajós levaram à criação de restrições ao uso da terra pelos povos indígenas. As restrições ocasionaram diminuição na produção da farinha, símbolo maior da produção agrícola cultural. Sem seu maior recurso, as famílias passaram a ter dificuldades de sobrevivência, abandonando suas comunidades em busca de melhores oportunidades de viver, deixando a terra livre para os interesses econômicos (SILVA, 2019; SILVA, 2018).

Outra pergunta trazida para o debate foi: “Poderiam citar alguns exemplos de ações que promovam mudanças positivas no sentido da coexistência humanos-vida silvestre? (P7). Segundo C1 há vários caminhos para se causar mudança de comportamento; para cada caso existe uma estratégia que pode envolver educação, conscientização, marketing social, etc.

Em uma pesquisa com uma comunidade que consumia muita carne da paca, os pesquisadores começaram a fazer uma campanha em defesa da carne do frango e do quão atrativa ela poderia ser, convidando pessoas influentes daquela comunidade para fazer propaganda. Nesse exemplo de marketing social em que foi dada uma alternativa, nesse caso a substituição da carne de paca pela carne de frango, observou-se que o consumo de frango havia aumentado e da carne de paca diminuído. Essa alternativa funcionou mesmo sem ações diretas de educação ambiental. Foi enfatizado que é necessário apresentar caminhos viáveis de fácil acesso para que se possa haver uma mudança positiva.

Outro questionamento apresentado aos palestrantes foi: “Como nós com poucos recursos e com um governo anticientífico podemos colocar nossos planos de ação em prática?” (P8). Os palestrantes comentaram que haverá uma mudança de governo e ver a situação atual pode servir para que a população valorize os direitos que estão sendo perdidos. É importante que a comunidade científica continue divulgando a verdade, uma vez que a ciência irá prevalecer e o governo irá mudar.

Ressaltaram que o negacionismo científico é uma tendência que perpassa muitos países, um movimento geral que envolve a falta de recursos, uma vez que quanto menos se conhece a ciência, menos se investe nela. Em parte, os cientistas têm responsabilidade por esta situação, já que têm dificuldade de se comunicar com a sociedade. Às vezes falta comunicação com o público geral em uma linguagem inteligível. Esse diálogo é fundamental para tornar o trabalho do pesquisador conhecido, evidenciando sua aplicação prática. Ressaltou-se a importância dos

projetos de extensão que promovem o diálogo entre acadêmicos e a comunidade externa.

Outro participante perguntou: “Quais os riscos da aprovação do PL 2633/20, o PL da Grilagem, para as Terras Indígenas?” (P9). Foi relatado que este Projeto de Lei (PL) sinaliza que as terras que estão sendo ocupadas hoje, poderão ser regularizadas futuramente, incentivando a ocupação ilegal de terras públicas. No caso dos territórios indígenas, há várias etapas no processo de demarcação. As terras já homologadas correm menos riscos, mas as terras que ainda estão passando pelo processo de demarcação estão sendo alvo de invasões e ocupações de grilagem. Para cumprir a meta de conservação das florestas, é importante que cesse a abertura de novas fronteiras agrícolas, especialmente na Amazônia, onde grandes áreas são abertas e subutilizadas, em geral com base na ilegalidade e na violação de direitos constitucionais. Um passo positivo é investir em Unidades de Conservação, que prestam serviços ecossistêmicos essenciais à saúde de nosso planeta. Para a viabilização da economia do conhecimento da natureza, é fundamental que o país invista em meios de conhecer sua enorme riqueza, a fim de explorá-la de forma sustentável (ABRAMOVAY, 2019).

Os questionamentos e comentários realizados via *chat* do *Youtube* mostram quão significativa foi a mesa-redonda para os ouvintes, contribuindo para a educação ambiental, para a escolha responsável de governantes e para a promoção de atitudes mais sustentáveis. Os comentários abaixo ilustram a satisfação dos participantes: “Excelente debate e muito necessário! Parabéns aos organizadores!” (P11). “Ótimas falas e reflexões dos palestrantes.” (P12).

A comunicação entre a universidade e as culturas populares, a exemplo da cultura indígena, pode servir como base para uma construção científica pautada na busca por soluções referentes à conservação da biodiversidade e à diminuição dos impactos ambientais, garantindo a coexistência humana com o meio ambiente. Em uma pesquisa realizada com o povo indígena Mbya Guarani, mostra que sua relação com o meio ambiente, suas técnicas e estratégias de uso sustentável dos recursos, garantem a manutenção da biodiversidade (BATISTA *et al.*, 2020). Em ação junto aos índios do Xocó foi apresentada à justiça a comprovação necessária para a permanência na terra que era deles por direito, evidenciando a importância das produções acadêmicas para a sociedade (CUNHA, 2019), dando vozes aos grupos que muitas vezes não são ouvidos (ZHOURI; LASCHEFSKI, 2010).

## **Conclusão**

Pode-se constatar que o evento despertou grandes questionamentos dos ouvintes e veio a

somar conhecimento para os presentes. O formato *online* proporcionou essa intercomunicação entre grandes profissionais e o público promovendo a divulgação científica de forma a atingir ouvintes em diferentes localidades bem como a participação de grandes nomes do meio científico.

## Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Amazônia**: por uma economia do conhecimento da natureza. São Paulo: Terceira Via, 2019.

AGUILAR-ALEIXO, Luciana; MARISCO, Gabriele. O diálogo universidade-sociedade promovido por projetos de extensão em Evolução, Saúde e Biodiversidade utilizando TDICs. **Revista Extensão & Cidadania**, v. 8, n. 14, p. 447-459, 2020. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/recuesb/article/view/7847>. Acesso em: 1 nov. 2021.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno; MARIN, Rosa Elizabeth Acevedo; Melo, Eriki Aleixo (org.). **Pandemia e território**. São Luís: Edições PNCSA, 2020.

BATISTA, Kátia Mara; MILIOLI, Geraldo; CITADINI-ZANETTE, Vanilde. Saberes tradicionais de povos indígenas como referência de uso e conservação da Biodiversidade: considerações teóricas sobre o povo Mbya Guarani. **Ethnoscientia**: Revista Brasileira de Etnobiologia e Etnoecologia, v. 5, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ethnoscientia/article/view/10299>. Acesso em: 25 nov. 2021.

CUNHA, Manuela Carneiro. A contribuição da pesquisa sobre povos indígenas. **Campos** – Revista de Antropologia, v. 20, n. 2, p. 26-36, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/campos/article/view/71858>. Acesso em: 15 nov. 2021.

FEARNSIDE, Philip Martin. O próximo coronavírus virá da Amazônia? Desmatamento e o risco de doenças infecciosas. **Amazônia Real**. 22 de abril de 2020. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/o-proximo-coronavirus-vira-da-amazonia-desmatamento-e-o-risco-de-doencas-infecciosas/>. Acesso em: 10 set. 2021.

FIALHO, Cerizi Francelino; MONFORT, Gislaine Carolina. Poké'ixa úti: Territorialidades de resistência Terena e auto-organização contra a pandemia e a degradação ambiental. **Ambientes**: Revista de Geografia e Ecologia Política, v. 2, n. 2, p. 330-369, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ambientes/article/view/26590>. Acesso em: 20 nov. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ISA — Instituto Socioambiental. **Terras indígenas**: ameaças, conflitos e polêmicas, ano 2018. 2021. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/>. Acesso em: 18 set. 2021.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. Pandemias, colapso climático, antiecológico: Educação Ambiental entre as emergências de um ecocídio apocalíptico. **Revista Brasileira de Educação Ambiental**, v. 15, n. 4, p. 1-30, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/10861>. Acesso em: 15 set. 2021.

MELLO, Alex Fiúza. Dilemas e desafios do desenvolvimento da Amazônia: o caso brasileiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, v. 107, p. 91-108, 2015. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6025>. Acesso em: 29 ago. 2021.

MINAYO, Maria Cecília Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

NEVES, Vanusa Nascimento Sabino *et al.* Utilização de *lives* como ferramenta de educação em saúde durante a pandemia pela COVID-19. **Educação & Sociedade**, v. 42, p. 1-17, 2021. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/20360>. Acesso em: 10 jan. 2022.

PEREIRA, Lorena Izá; FREITAS-COCA, Estevan Leopoldo; ORUGUÉLA, Camila Ferracini. O "passar a boiada" na questão agrária brasileira em tempos de pandemia. **Revista Nera**, n. 56, p. 8-23, 2021. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/view/8314>. Acesso em: 1 fev. 2022.

ROMANELLI, Cristina *et al.* (org.). Biodiversity and human health linkages: concepts, determinants, drivers of change and approaches to integration. *In: CONNECTING GLOBAL PRIORITIES: biodiversity and human health. A state of knowledge review*. 2015. p. 28-43. Disponível em: <https://www.cbd.int/health/SOK-biodiversity-en.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2022.

SILVA, Ana Tereza Reis. Áreas protegidas, populações tradicionais da Amazônia e novos arranjos conservacionistas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 34, n. 99, p. 1-22. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/c5fWn88Q8zTbN4B8D8P7fQn/?lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2021.

SILVA, Elizângela Cardoso Araújo. Indígena Pankararu. Povos indígenas e o direito à terra na realidade brasileira. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, n. 133, p. 480-500, set./dez. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0101-6628.155>. Acesso em: 20 jan. 2022.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/3DkbXnqBQyq5bV4TCL9NSH/?lang=pt>. Acesso em: 14 nov. 2021.

ZHOURI, Andréa; LASCHEFSKI, Klemens. **Conflitos ambientais**. Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais, da Universidade Federal de Minas Gerais – GESTA/UFMG. 2010. Disponível em: [https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/ZHOURI\\_\\_LASCHEFSKI\\_-\\_Conflitos\\_Ambientais.pdf](https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/wp-content/uploads/2014/04/ZHOURI__LASCHEFSKI_-_Conflitos_Ambientais.pdf). Acesso em: 14 nov. 2021.

Recebido: 22.03.2022

Aceito: 20.06.2022



This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).